

CONSCIÊNCIA NACIONAL E JUDAÍSMO NO BRASIL

VAMIREH CHACON

Este ensaio passou longos anos inédito, citado em manuscrito entre outros por Robert M. Levine, professor na Universidade do Estado de New York, no seu livro *The Vargas regime (1934/1938)*, Columbia University Press, 1970, bem como em artigos diversos. Agora vem enfim à tona, revisado, em texto integral, dada a persistente atualidade do seu tema.

Com efeito, a consciência nacional brasileira terá se tornado, às vezes, racista, por mais absurdo que o Racismo seja, num país mestiço como o nosso, mesmo quando aquela consciência atingiu o grau de Nacionalismo, exaltando nossos valores específicos, diante de outros alienígenas?

A resposta é que não chegou a haver, até agora, Nacionalismo racista no Brasil, do tipo pangermânico ou paneslavo, ou mesmo no estilo tradicionalista francês, da época da Questão Dreyfus. Apesar disto, houve e há Anti-semitismo no Brasil, com justificação sobretudo teológica, violento outrora e hoje larvado. Entretanto, não lhe basta esta base, para desencadear-se. Antônio José Saraiva registrou, muito bem, que a própria fanática Inquisição ibérica não só pretendia "defender" a ortodoxia, como também, e mesmo principalmente, servia de instrumento à aristocracia feudal para a repressão à nascente burguesia cristã-nova, começando a revolucionar a Economia e as Idéias da época (1).

Sartre analisou depois o sentido também de frustração, descarregado no moderno Anti-semitismo. Pode-se relembrar que o nacionalismo dos países

1. Antônio José Saraiva, *A Inquisição portuguesa*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1956, pp. 83-85.

subdesenvolvidos enfrenta adversários bastante reais, para ter de enganar-se com inimigos, ou bodes expiatórios, imaginários; e ele olha mais para frente que para trás, confiando num futuro onde o Universalismo terminará coroando sua obra, num mundo em que não mais existam exploradores ou explorados. O nacionalismo dos países subdesenvolvidos tende a ser, portanto, meio para uma nova e equitativa divisão internacional do trabalho, e não uma meta em si mesmo, tornando-o imperialista.

Onde melhor podemos compreender o Anti-semitismo é na sua trajetória na história, pois suas causas não são abstratas, mas concretas, segundo as circunstâncias do espaço e do tempo.

Benjamin Ginzburg, na *Encyclopedia of the Social Sciences*, mostra como o termo "Anti-semitismo" "foi colocado em circulação por Wilhelm Marr, em 1879, e tem específica referência à doutrina racial que pretendeu ser a justificação teórica do moderno Anti-judaísmo".

No tempo das guerras bíblicas pela Palestina, os hebreus eram um dos vários grupos em luta pela hegemonia da Palestina. Mais adiante, com os romanos que os expulsaram de sua pátria pelas mãos de Tito, espalhando-se com a Diáspora através do mundo, as acusações anti-semitas começaram a configurar-se mais nitidamente. "No Império Romano, os judeus eram frequente e gravemente discriminados, até perseguidos, como estrangeiros, cuja devoção à sua religião e ritual, tornaram impossível a completa assimilação com os romanos". A situação foi piorando depois da oficialização e predomínio político da Cristandade no Ocidente e Oriente Médio. "Quando a Cristandade entrou em cena, foi confirmada sua posição como uma minoria internacionalmente disseminada" (2).

Dai em diante, o povo de Israel tornou-se o bode expiatório predileto dos males da Humanidade. Pelo menos era isto o que seus inimigos pretendiam. A Idade Média passou com seus massacres que tardavam, às vezes, porém não faltavam. Os tentáculos da Inquisição caçavam os cristãos novos e marranos onde quer que eles se encontrassem. Após as Descobertas, suas garras se estendiam até o Ultramar. Os luteranos não ficavam atrás. Lutero dava uma severa demonstração teórica e prática de Anti-semitismo nos países onde se fazia sentir mais diretamente sua inspiração.

Apesar de tudo, o Anti-semitismo destas épocas era mais "teológico" que "étnico". A sua causa principal, conforme veremos melhor adiante, era a luta religiosa. Uma vez convertidos de fato os judeus, desapareceria a razão básica de ódio contra eles, persistindo apenas a desconfiança. Motivos econômicos também já influenciavam os preconceitos. Enfim, "eles serviam de alvo a uma estranha combinação de ódio econômico de classe, paixão re-

2. Benjamin Ginzburg, «Antisemitism» in *The Encyclopedia of the Social Sciences*, The Macmillan Co., New York, 1935.

ligiosa e desconfiança diante do estranho, a qual (combinação) nunca foi igualada em toda a História", nas palavras de Ginzburg.

Os séculos XIX e XX viram a vitória do Anti-semitismo moderno, "racial", sobre o antigo, "teológico". Ginzburg aponta a Alemanha de 1870 como o principal teatro deste triunfo. O "Kulturkampf", de Bismarck foi seu excelente caldo de cultura em terras germânicas.

O fato de tanto o Socialismo como o Capitalismo terem por corifeus inúmeros israelitas despertou renovados ódios. Várias ideologias políticas brotaram neste campo. A luta entre clericalistas e anticlericais, na França, estimulou nova onda anti-semita. O famoso caso Dreyfus foi o estourar da bomba. Ao lado do injustiçado oficial de origem judia ficaram os partidos burgueses, anticlericais e socialistas. Contra ele se lançavam certos nacionalistas e clericalistas exaltados. Drumont escreveu, nesta época, seu livro *La France juive*, encontrando uma vigorosa resposta do católico Léon Bloy, que defendeu os israelitas noutra obra: *Le salut par les juifs*. Deflagrada a luta na França e na Alemanha, velhos ódios vieram à tona. Na Rússia, os "pogroms" funcionavam habitualmente. Surgiu, então, o suposto *Protocolo dos Sábios de Sião* na Rússia, em 1906, publicado por um tal Sergei Nilus, despertando polêmicas. O tal *Protocolo* relatava planos de dominação do Mundo pelos judeus, suas relações com a Maçonaria, etc. Tantas vezes afirmado e desmentido, o *Protocolo* exerceu bastante influência em nacionalistas exaltados da Europa e da América. Aqui mesmo no Brasil, a Ação Integralista, através de mais de um dos seus chefes, do tipo de Gustavo Barroso, fez intensa propaganda do mesmo.

Por mais incrível que pareça, há também judeus anti-semitas. Ackermann e Jahoda escreveram um interessante trabalho intitulado *Psicanálise do Anti-semitismo*, onde constaram o fato, ao lado de outras conclusões severas acerca do tema que está resumido no título do seu livro (3).

Em cada uma das épocas históricas que analisamos, as causas do Anti-semitismo tomavam formas circunstanciais. Baseavam-se principalmente em queixas contra a não assimilação dos judeus, seus planos de conquistas do poder, usura econômica, maldades perpetradas ao Messias culminando com sua morte, etc. Entretanto, as causas assumem tonalidades de acordo com as coordenadas do espaço e do tempo.

Já as vimos em geral. Observemo-las agora no Brasil em particular. Nada melhor que o fenômeno judeu para desafiar e confundir uma civilização cristã, que se julga então ameaçada por um passado fantasmagórico, quase sua própria sombra.

3. Nathan W. Ackerman y Marie Jahoda, *Psicoanálisis del Antisemitismo*, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1954, passim. Do inglês: *Anti-semitism and Emotional Disorder*.

O Anti-semitismo na Península Ibérica, e também no Brasil, tem caráter mais "teológico" que "racial". Lovsky, em artigo na revista católica *Esprit*, mostrava o germe religioso deste sentimento, em vez do simplesmente étnico, do ódio de sangue (4). O empenho de portugueses e espanhóis era converter os judeus, miscegená-los e não os repelir. Nos casos em que esta repulsa ocorreu, excetuaram-se os convertidos, como durante as perseguições em Portugal, Castela, Leão ou Aragão, quando foi aceita uma conversão em massa na ilha Majorca em 1435, inclusive de quatro rabinos. Outros tantos exemplos poderiam ser citados, mostrando a raiz teológica das disputas entre marranos e ibéricos. O discutido exemplo em contrário desta tese, o fato de exigir-se um atestado de "limpieza de sangre" dos interessados em entrarem em determinadas ordens militares, representa apenas uma suspeita diante dos marranos, acostumados que estavam a converterem-se aparentemente, continuando em segredo as práticas do Mosaísmo, não merecendo, portanto, maiores confianças. Ora, justamente estas ordens militares destinavam-se ao combate contra os infiéis, inclusive contra os judeus. Logo, não os podiam admitir, nem os convertidos.

Inúmeras famílias luso-brasileiras guardam ainda hoje traços semitas. O próprio fado conservaria muito daquela "nostalgia árabe e mágoa israelita", "tristeza difusa e vaga" que o brasileiro herdou através do português, e não apenas do negro, seria oportuno acrescentar.

O Anti-semitismo moderno é diferente. Nos "pogroms" deste século e do anterior, e nos campos de concentração contemporâneos, não se dá grande relevo a fatores teológicos. A sua origem é o ódio sistemático e implacável ao sangue judeu, repellido como indesejável. Entretanto, o moderno e o teológico são condicionados, também, pelos choques de cultura e pelos fatores econômicos. Principalmente os econômicos. Salo Baron sublinha muito bem este último aspecto, com toda sua autoridade de mestre, pois, só os bens dos marranos portugueses orçavam em 80 milhões de ducados. Isto atçou ainda mais a Inquisição sobre eles aproveitando a perseguição para construir "um belo palácio para si mesma em Majorca, com recursos de uma única investigação, em 1678" (5).

Deve-se reconhecer a prosperidade material e intelectual judaica antes da Reconquista, para a qual colaboraram decisivamente através de Abraham Senior e Isahak Abarvanel, incumbidos pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel, do "abastecimento" e "administração" dos seus exércitos, além de outras missões pagas, ingratamente, com sua expulsão em 1492, quando do exílio coletivo decretado neste ano contra seus irmãos de crença. Já em Córdoba

4. F. Lovsky, «Antisémitisme chrétien et racisme moderne», in *Esprit*, Paris, Junho, 1952.

5. Salo Baron, *A Social and Religious History of the Jews*, Columbia University Press, New York, 1937, 2.º vol., p. 65.

e Granada, às ordens dos sultões, outros israelitas desempenharam funções de relêvo. Ibn Gabirol (Avicébron) e Abu Imran (Moisés ben Maimonides) foram alguns dos mais importantes, cuja obra se perpetua com realce na filosofia medieval.

A civilização hispânica, então em estado de grande tensão, buscava uma unidade de fé que a fortalecesse diante do perigo mouro, uma vez que não dispunha de unidade étnica, capaz de ser erguida em bandeira de luta pela nação espanhola em formação. A Inquisição adaptou-se em Espanha como maior exemplo deste estado de tensão. Após inúmeras idas e vindas, propostas e contra-propostas aos Papas, ela terminou sendo instalada na Península Ibérica. O fortalecimento da unidade de fé ameaçada por mouros, protestantes e judeus, constituiu-se logo numa das básicas finalidades do Tribunal do Santo Ofício. Surgindo a propósito de uma cruzada contra os albigenses, no sul da França, estendeu-se pelo mundo cristão, representando o principal instrumento de violência em prol da unidade religiosa, princípio ideológico fundamental na Idade Média.

Na Espanha, o inquisidor Torquemada governou durante 16 anos, com "mayor autoridad y poderio que a los mismos Reyes Católicos, cuya conciencia señoreaba", segundo a expressão de Amador de los Rios. As "Ordenanzas del Santo Oficio", ou "Instituciones" eram chamadas de "código del terror" (6). As perseguições, antes sem ordem, adquiriram método. A inquisição ibérica ia buscar o protestante ou mouro, o marrano ou o cristão novo, que insistisse no Judaísmo, não só na Península como até nos territórios dominados, na Holanda e na América hispânica.

Samuel Usque, em seu livro *Consolaçam às tribulaçoens de Israel*, enumera pelo menos 24 "persecuciones y matanzas" principais, de 1163 a 1533 na Europa e Oriente Médio, da Turquia e Pérsia a Salonica, Flandres, França, Itália, Alemanha e Inglaterra. Muitos destes surtos não diziam respeito à Inquisição, desde que ela não existia em 1163, e não estendia seu domínio é claro, às nações submetidas sólidamente aos infiéis. Só no período entre 1536, data da instalação da Inquisição em Portugal, e 1732, às vésperas do término da distinção entre cristãos novos e velhos, tinham sido queimados 1.454 judeus e penitenciados 23.068 em Lisboa, Évora e Coimbra (7).

Em 1492 foram expulsos oficialmente os judeus de Espanha, alegando Fernando e Isabel, no dizer de Amador de los Rios, "la apremiante necesidad de cortar una vez y para siempre la raiz de aquellos males, siendo infructuosos los esfuerzos hechos hasta entonces en el mismo intento". Em 1496 idêntica medida tomava Portugal. O rei D. Manuel declarava que: "todos os judeus

6. J. Amador de los Rios, *Historia Social, Política y Religiosa de los Judios de España y Portugal*, Imprenta de T. Fortanet, Madrid, 1876, 3.º vol., p. 296.

7. J. Lúcio de Azevedo, *História dos Christãos Novos portugueses*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1921, p. 289.

q. en nossos regnos ouer, de qualquer hydades q. sejam: se sayan fora delles: sob pena de morte natural: e perdere as fazendas pa que os acusar". E concluia com um apêlo "aos reys nossos soçessores", para não deixarem os judeus voltarem a Portugal, "sob pena de maldiçã" a êstes mesmos reis (8).

Uma vez efetuadas as referidas observações acêrca do Anti-semitismo nas metrôpoles portuguesa e espanhola, mais fácil se torna a compreensão do mencionado fenômeno no Brasil. Os cristãos novos acorriam para esta parte da América desde os tempos de Fernando de Noronha em 1502, cujo nome se transmitiu ao arquipélago do qual foi arrendatário. Talvez mesmo os discutidos Gaspar da Gama, vindo na frota de Cabral, João Ramalho e outros antes de Noronha, fôssem judeus, do que se tem sérias dúvidas.

O certo é que muitos degredados, comerciantes e aventureiros, ãportados aqui, eram israelitas. Não tardou a Inquisição em vir no encalço dos que ainda insistiam no Mosaísmo. Os convertidos ou "conversos", de quem se provasse a fidelidade à religião católica, nada sofriam. Os outros iam entender-se com o Santo Officio, que enviou um emissário, na pessoa do licenciado Heitor Furtado de Mendonça, em trânsito pela Bahia e Pernambuco entre 1591 e 1593, recolhendo denúncias e apurando responsabilidades (9). Os casos mais interessantes destas denúncias são os de Branca Dias e Bento Teixeira, provavelmente o autor da *Prosopopéia*. Também a situação de Branca Dias é obscura. Não falta quem pretenda ter sido ela martirizada pela Inquisição, enquanto outros, como Rodolfo Garcia, classificam o fato de lenda.

Naturalmente que tantas hostilidades só podiam afastar o judeu, ansioso de melhores paragens. Com as expulsões oficiais de 1492 e 1496, milhares fugiram da Península Ibérica. Alguns calculam seu número em 170.000 e até em 300.000, segundo a opinião do rabino Isahák de Acosta (10). Não se sabe exatamente sua quantidade, mas a verdade é que eram numerosos, ricos, experientes, conhecedores do comércio até da navegação pelo Nôvo Mundo. Dirigiram-se em bandos para o Mediterrâneo, Grécia, Turquia e norte da África, enquanto outros rumavam para Bordéus e norte da Europa. Da Holanda voltariam mais tarde para o Brasil, juntamente com outros de inúmeras cidades norte-européias e de Bordéus, envolvidos na aventureira invasão flamenga, cheios de esperanças em uma melhor situação sob os batavos. Enganaram-se mais uma vez. Os holandeses também não estavam dispostos a deixá-los em paz.

8. J. Amador de los Rios, *op. cit.*, pp. 271-272.

9. *Primeira Visitação do Santo Officio às Partes do Brasil (Denúncias de Pernambuco, Confissões e denúncias da Bahia)*, 3 volumes, Editor Paulo Prado, São Paulo, 1922-1925-1929, *passim*.

10. Apud J. Amador de los Rios, *op. cit.*, pp. 315-316.

Muita gente pensa que o período holandês foi isento de Anti-semitismo, constituindo uma fase áurea de tranqüilidade para os judeus desta parte da América. Grande ilusão. Apesar de mais tolerantes para os judeus, os protestantes também tinham uma ortodoxia, intolerante para com aqueles que lhes pareciam heréticos.

Lutero invectivava os israelitas, chamando-os de "vingativos", "sedentos de sangue", e pedia aos príncipes alemães sua expulsão, caso não quisessem se converter. Mais uma vez desponta assim sua raiz teológica, pois a conversão seria uma esponja no passado, deixando-se de levar em conta possíveis faltas devidas, principalmente, à fé professada e não tanto ao sangue do povo. Lutero é autor da frase que se segue, obra prima desta espécie de Anti-semitismo: "Saibas, então, que próximo ao diabo não tendes inimigo mais cruel, venenoso e violento que um judeu autêntico?" (11).

Desta forma, vemos que não foi só a Inquisição a principal responsável pelas perseguições anti-semitas no Brasil colonial. Os calvinistas flamengos adotavam, de sua parte, uma política de desconfiança e hostilidade aos israelitas na Europa e na América, embora mais discreta. Teoricamente os batavos respeitavam a liberdade do judeu — ao contrário do ibérico que, nesta época, não o fazia nem na teoria. Um edital dos Estados Gerais, dos Países Baixos, em janeiro de 1634, assegurava "o livre exercício de suas religiões aos católicos e judeus, livres de investigações de suas consciências ou de suas residências". Na prática, porém, o Sínodo tentou proibir seu culto "nas ruas ou em edifícios públicos com o mesmo ódio implacável que votava ao catolicismo" (12). Daí o irônico comentário de Southey, que os holandeses eram menos tolerantes, que suas próprias leis...

Até nas piores fases das guerras da Restauração, quando mais do que nunca era necessária a união entre todos, o Conselho Eclesiástico queixava-se da "liberdade concedida aos judeus e a profanação dos domingos pelos mesmos", conforme Hermann Waetjen descobriu nas suas pesquisas. O próprio Nassau, o lúcido e tão louvado Nassau, afirmava que embora os judeus pudessem "ser contados entre os súditos de maior confiança no domínio colonial, e que mesmo na adversidade de conservaram fiéis ao pavilhão holandês", ainda assim tinha neles uma confiança muito limitada. Prudentemente, acrescentava: "mais não posso eu ver que se possa por nelles firmeza", temendo que se passassem para os portugueses, caso melhorassem o tratamento para com eles (13).

11. Apud Salo Baron, *op. cit.*, p. 194.

12. José Antônio Gonsalves de Mello, *Tempe dos Flamengos*, José Olympio, 1947, p. 293.

Hermann Waetjen, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um Capítulo da História Colonial do Século XVII*, Cia. Edit. Nacional, 1938, p. 365.

13. Hermann Waetjen, *op. cit.*, p. 371.

Esta era a opinião pessoal de Nassau. Quanto à situação dos judeus portugueses, em geral, na Holanda, consulte-se Mendes dos Remédios — *Os Judeus*

Frei Manuel Calado, o famoso Frei Manuel dos Óculos, ia mais longe que Nassau, exagerando ao ver judeus traiçoeiros por todos os lados, quase numa "judeufobia". Dizia êle, no auge da desconfiança: "Não ha aqui que fiar em homens de nação por mais virtuosos que se finjão, ainda que não nego que alguns desta nação hebresa derão grandes mostras de verdadeiros christãos nesta ocasião..." (14)

Se esta era a opinião de cronista português autorizado — talvez representando a média das opiniões dos lusos, açulados pelas escaramuças da "Guerra da liberdade divina" — os flamengos, por sua vez, adotavam para com os israelitas cuidadosas medidas de precaução e desconfiança.

Barléus enumera as restrições impostas:

- (I) Não edificarão êles novas sinagogas;
- II) a nenhum judeu será permitido casar com cristã ou ter concubina cristã;
- III) não poderão converter cristãos ao Mosaísmo, nem chamá-los da liberdade evangélica para os encargos da Lei Velha, nem da luz para as sombras;
- IV) nenhum judeu poderá ultrapassar o sacrossanto nome de Cristo;
- V) no recenseamento dos corretores, não excederão têrça parte do respectivo número. (Exigência, aliás, amplamente violada, pois tudo indica terem sido os judeus a maioria da classe ou, pelo menos, os mais procurados);
- VI) comerciando não fraudem a ninguém;
- VII) os filhos nascidos de judeu e de cristão, morrendo os pais, serão entregues para serem educados aos parentes cristãos".

Os que não tiverem êstes serão educados em orfanatos, se forem pobres; ou ficarão aos cuidados do Conselho Secreto, se forem ricos". (15)

Por aí é possível ver o estado de alerta dos flamengos em relação aos israelitas. O que não impediu o florescimento de duas grandes Congregações judaicas em Pernambuco: a "Zur Israel" ("Rocha de Israel") e "Magen Abraham" ("Escudo de Abrahão"), segundo atestam seus livros de ata, decifrados

Portuguêses em Amsterdam, F. França Amado, Coimbra, 1911 e Herbert Bloom, *The Economic Activities of the Jews of Amsterdam in the Seventeenth and Eighteenth Centuries* the Bayard Press, Williamsport, 1937, além, evidentemente, de Cecil Roth, *A History of Marranos*, Meridian Books and The Jewish Publication Society of America, New York, 1959.

- 14. Frei Manuel Calado, *O Valeroso Lucideno ou o Triunpho da Liberdade*, Na Officina de Domingos Carneiro, Lisboa, 1668, p. 131.
- 15. G. Barléus, *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do illustrissimo João Mauricio, Conde de Nassau, etc.*, Serviço Gráfico do Ministério da Educação, Rio, 1940, p. 327.

pelo rabino Arnold Wiznitzer, em 1955, também autor da história *Os judeus no Brasil colonial, 1960/1966*.

Qual, porém, a razão de ser profunda dêste Anti-semitismo no Brasil holandês?

Quase sempre parece andar o fator econômico lado a lado do teológico, e até condicionando-o em muitas ocasiões. O choque de culturas fazia-se igualmente sentir como importante causa de atritos. Também a desconfiança das maiorias em relação a uma minoria, empenhada em conservar-se endogâmica, inassimilável ou segregada por seu próprio gosto e por separação imposta de fora, num círculo vicioso.

Os batavos não estavam à vontade nos trópicos. A fase nassoviana foi o hiato de uma simples aventura comercial, enquanto os judeus, embora simples comerciantes em sua maioria, com sua extraordinária plasticidade de adaptação, iam lançando as bases de uma economia onde a expansão intelectual registrava-se com vigor paralelo. Os rabinos Isaac Aboab da Fonseca — autor de um poema sobre o cerco do Recife que, no dizer de Kayserling e Roth, representa a primeira obra de literatura judia nas Américas — e Moisés Aguiar, os médicos ou farmacêuticos Jacob de Andrade Velozino — que, entretanto, saiu do Brasil ainda criança — e Abraham de Mercado e jovens precocemente eruditos como Isaac de Castro Tartas — queimado pela Inquisição em Lisboa e um dos personagens mais interessantes do período colonial holandês — garantiam aos israelitas certa superioridade intelectual sobre o meio, ao lado de seus bens econômicos.

Da parte dos flamengos existia uma mistura cosmopolita, sem unidade de ideal, irmanados pelo interesse comercial apenas. Inglêses, franceses, alemães e até húngaros e polacos andavam por aqui numa mixórdia tremenda. Também os judeus procediam de várias partes do mundo, mas sua crença comum, sua resistência diante das perseguições, sua superioridade intelectual favoreciam uma quase hegemonia diante dos outros grupos, que não chegou a concretizar-se pelo fato dos israelitas serem poucos e sem as vantagens econômicas exageradas por Sombart.

O mal-estar dos batavos e de outros companheiros de aventura foi aumentando contra os israelitas, também envolvidos na aventureira invasão do Brasil. Alguns "comerciantes holandeses" chegaram a dizer que "todo o comércio tinha caído nas mãos dos Judeus", afirmação descomedida, dado o pequeno número dêstes últimos — mais ou menos uns quinhentos, concentrados no Recife que dispunha de uns 5.000 habitantes na época. (16) Além do mais, suas possibilidades financeiras eram muito limitadas, podendo-se constatar que na Cam-

16. Hermann Waetjen, ob. cit., p. 370. Sobre o número dos habitantes do Recife naquela época, consulte-se J. Antonio Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos*, passim.

panha das Índias Ocidentais (WIC) nunca tiveram mais de 10% das ações, conforme mostra Herbert Bloom (17). O grande acatamento dos diretores da WIC (18) por eles, encontraria fundamentos em sua experiência e conhecimentos das terras do Nôvo Mundo, tão necessários para o êxito da conquista holandesa.

Claro que o assunto ainda é alvo de cerrados debates, não estando a questão fechada. Por outro lado, forçoso reconhecer, com autores antigos e modernos, o rápido êxito dos judeus no Brasil de então, para escândalo dos seus inimigos.

Estes, aproveitando tôda sorte de pretextos, desencadearam campanhas de acusação de usura e trapaça, surgindo até panfletos anti-semitas, um dos quais chamado "agravos dos cristãos comuns", redigido em flamengo. (19)

A expansão financeira judia assustava os concorrentes, que bradavam estar "por assim dizer", quase postos fora da circulação", convertidos "em espectadores dos negócios dos judeus, segundo mostra Waetjen. (20) O próprio culto religioso hebraico sofria restrições no Brasil e até em Amsterdam, onde foi proibida a construção de mais uma sinagoga, consentindo-se apenas,

A respeito da especial presença judia no Recife, há as monografias de Vamireh Chacon, *O Anti-semitismo no Brasil. Uma Interpretação Sociológica*; e de Marco-Aurêlio de Alcântara, *Aspectos da Aculturação dos Judeus no Recife*, conferências pronunciadas no Clube Hebraico do Recife em 1954 e impressas em 1955 e 1956, respectivamente, recebendo generosos artigos de Gilberto Freyre.

17. Herbert Bloom, *A Study of Brazilian Jewish History 1623-1654, based chiefly upon the findings of the late Samuel Oppenheim*, Publications of the American Jewish Historical Society n.º 33, Baltimore, 1934, p. 49. Arnold Wiznitzer critica a ignorância de Oppenheim em Português e Hebraico, que prejudicou suas traduções (Vide «Os Livros de Atas das Congregações zur Israel e Magen Abraham 1648-1653») (Separata do volume 74 dos *Anais da Biblioteca Nacional*), Rio, 1955.
18. Os flamengos sempre esperaram muito dos israelitas na conquista do Nôvo Mundo. A respeito, Jan Andries Moerbeck, num relatório intitulado: *Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil e isto quanto antes*, Instituto do Açúcar e do Alcool, Tradução de Frel Agostinho Keijzers. O. C. e José Honório Rodrigues, Rio, 1942, dizia: «Os portugueses que oferecerão maior defesa são, na sua maior parte, da religião judaica e, além disto, inimigos natos e jurados da nação espanhola, razão porque se submeterão de boa vontade a V. Ex., ou facilmente serão levados a isto; ou, pelo menos, pouco se lhes dará a prosperidade da Corôa espanhola na defesa dessa terra, de sorte que não há dúvida de que a Companhia se poderá apoderar, em pouco tempo, de todo o Brasil». pp. 29-30. Aterrorizados pelo Santo Ofício naturalmente os israelitas inclinavam-se para os batavos, que apesar dos seus respectivos ranços anti-semitas eram algo mais tolerantes.
19. Hermann Waetjen, *ob. cit.*, p. 366.
20. *Idem.*

ofícios religiosos em casas particulares, conforme indica Herbert Bloom. (21) Hermann Waetjen, estudando o problema, o resumiu desta maneira: "Generalizando casos particulares, faziam da Judicaria novo-holandesa horrível espantinho"... As denúncias choviam, "urgindo" restrições não só contra os "israelitas sem eira nem beira", conforme rezavam os panfletos anti-semitas, como também contra os judeus em geral. Começando pelo pedido de proibição do comércio a retalho, terminavam insinuando a expulsão dos judeus do Brasil. (22) As queixas eram feitas até a altos conselheiros e diretores da WIC. Senhores de engenho protestavam junto a Adriaen van Bullestrate, em 1642, e a Adriaen Lems, em 1643, acusando os israelitas de cobrarem juros escorchantes, no tráfico de escravos, aproveitando a escassez e dificuldade em trazer negros da África. Apontaram, inclusive, um tal Luís do Mercado, como um dos principais especuladores. (23)

Outros discutidos judeus, na época, foram Jorge Homem Pinto — proprietário de nove engenhos, 370 escravos e 1.000 bois de lavoura — e o terrível Gaspar Dias Ferreira — abominado por Frei Manuel Calado. Apesar de aparências tão ricas, o primeiro devia até os olhos da cara aos batavos. Há até quem pretenda que nem um, nem outro, era israelita.

Tudo isto vem confirmar a tese de Saraiva, enunciada no início: o Anti-semitismo, daquele tempo, só era teológico na sua exteriorização formal, encerrando uma base econômica de luta de classes.

Os choques sangrentos terminaram surgindo.

A rivalidade judia-holandesa chegou a um ponto que a Câmara de Escabinos do Recife proibiu, em 1642, o entêrrão do israelita Moisés Abendana, morto sem ter saldado suas dívidas, e ordenando, até, que seu cadáver fosse exposto numa força!

Acrescenta José Antônio Gonçalves de Mello: "No mesmo ano de 1642 um judeu blasfemador foi apanhado em plena rua e apedrejado impiedosamente". Certamente se tratava de mais um fruto do preconceito espelhado pelo Alto Secreto Conselheiro da WIC, Adriaen van der Dussen, em visita ao Recife: "Costumam (os judeus) realizar suas superstições públicamente, o que é causa de escândalo para reformados e papistas; isto foi-lhes reprovado

21. Herbert Bloom, *The Economic Activities of the Jews of Amsterdam in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, ob. cit., p. 167. No Brasil, sob pretexto dos judeus abusarem da liberdade religiosa concedida, foi pedido o fechamento de duas casas de culto no Recife. H. Bloom, *A Study of Brazilian Jewish History*, p. 71.

22. Hermann Waetjen, ob. cit., pp. 365-368.

23. Hermann Waetjen, ob. cit., pp. 371-372.

Dois relatórios Holandeses, Adriaen Verdonck e Adriaen van Bullestrate, com uma crítica de J. Antonio Gansalves de Mello Neto, Recife, 1949, Separata da Revista do Arquivo Público, Ano IV-N.º VI.

pelos meios convenientes com a recomendação de não causarem escândalo, que deveria ser evitado: mostrando-se desde algum tempo em grande calma". (24).

Em Ipojuca, Frei Rafael de Jesus relata um caso de assassinato de israelita, "contratador e dos ricos do Arrecife", fato que chegou a despertar quase uma sublevação. (25) O estado de coisas atingiu a um ponto que surgiram protestos da comunidade judaica dos Países Baixos, indagando a existência de um novo Santo Ofício, desta vez flamengo, no Brasil. A própria WIC intercedia, também, vez por outra, em favor dos perseguidos, protestando e mesmo coibindo certos excessos, quando podia.

Aliás, entre os próprios israelitas a divisão entre "sefardin" e "ashkenazin", favorecia dissenções internas. Um destes "ashkenazin", de nome Daniel de Joode, assinava um manifesto contra os comerciantes do seu próprio povo. Outro, chamado Jehuda Bar Jacob, ou "o judeu polaco", reclamava tratamento infligido contra ele nos cárceres da Inquisição por seus companheiros "sefardin". (26)

Com a derrota nas guerras da Restauração, os flamengos procuraram um bode expiatório, como acontece com freqüência. Encontraram-no nas pessoas dos judeus, tão visados em ocasiões como estas. Surgiu um panfleto acusando Abraham Cohen, acusação estendida, mais tarde, ao resto dos seus irmãos em religião, increpando-os de terem escondido "todos os mantimentos", durante o cerco do Recife, especulando às custas do sangue e da salvação dos batavos. A situação culminou em motins populares, embora Hermann Waetjen ateste, com sua característica honestidade, que os judeus "em geral portaram-se dignamente durante o período de sitio do Recife". (27) Exceções houve, é claro, porém a maioria estava sinceramente com os flamengos, o que Jan Andries Moerberck já previa em exposição de motivos aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Dizia ele, defendendo a necessidade do ataque ao Brasil, que os homens "da religião judaica" eram "inimigos natos e jurados da nação espanhola, razão porque se submeterão de boa vontade a V. Excia., ou facilmente serão levados a isto; ou, pelo menos, pouco se lhes dará a prosperidade da coroa espanhola na defesa dessa terra, de sorte que não há dúvida de que a Companhia se poderá apoderar, em pouco tempo, de todo o Brasil". (28) Realmente, os judeus andaram de tal

24. Apud J. A. Gonsalves de Mello, ob. cit., pp. 304 e 305 e Adriaen van der Dussen. Relatório sobre as Capitânicas Conquistadas no Brasil 1639 — suas situações econômicas e sociais, Instituto do Açúcar e do Alcool, Rio de Janeiro, 1947, p. 108.

25. Frei Rafael de Jesus, *Castriloto Luzitano*, Lisboa, 1679, p. 82. Frei Rafael também relata a execução de dois judeus em Pau Amarelo, p. 111; episódio referido por Frei Manuel Calado, ob. cit., pp. 244-245-246.

26. Segundo documentos copiados na Torre do Tombo, em Lisboa, por J. Antonio Gonsalves de Mello.

27. Hermann Waetjen, ob. cit., pp. 274-375.

28. Vide nota 18 desta bibliografia.

forma associados aos holandeses que, após a queda do domínio destes, retiraram-se para os Países Baixos durante o próprio cerco do Recife ou seguiram para Nova Amsterdam, hoje Nova York, via Guiana Holandesa e Curaçau. Ao que tudo parece indicar, ficaram alguns pelo Brasil, terminando absorvidos.

Uma das figuras mais extraordinárias e, infelizmente, menos conhecidas do Brasil holandês, foi Isaac de Castro Tartas, mencionado antes. Nascido na Gasconha, tinha também o nome de Joseph de Liz. Estudou Filosofia e princípios de Medicina em Bordéus e Paris. Estêve em Amsterdam, donde veio ao Brasil. Aqui percorreu a Paraíba e Pernambuco, tendo sido levado a interrogatório na Bahia. Terminou queimado vivo pelo Santo Ofício em Lisboa em 1648, após afirmar heróicamente sua fé e discutir com os teólogos católicos "encarregados de o persuadirem". (29)

Da parte dos adeptos da religião mosaica houve sempre dedicação à causa do domínio colonial batavo, porém estes foram muito ingratos, apesar de serem, de fato, menos ruins para os israelitas que os ibéricos. A ameaça da Inquisição era pior que as intrigas e arreganhos dos flamengos. E isto porque os Países Baixos atravessavam uma fase econômica mais adiantada que Portugal e Espanha — mergulhados num discutido Feudalismo, enquanto a Holanda marchava num definido Mercantilismo, etapa imediatamente anterior ao Capitalismo moderno. Daí o interesse deste último país em captar os judeus, embora as generalizações de Sombart, quanto à sua contribuição para a formação do Capitalismo, sejam um tanto exageradas. O certo é que o capital e a experiência israelitas, principalmente a experiência no comércio e navegação pelas Américas, desempenharam papel importantíssimo no Mercantilismo e, conseqüentemente, na formação do Capitalismo moderno, apesar de não terem sido os únicos ou principais segundo pretendia Sombart. (30). É o caso da Companhia das Índias Ocidentais, a que nos referimos antes, onde os judeus nunca tiveram mais de 10% das ações, ao que tudo parece indicar.

Por conseguinte, a situação em traços gerais era esta: sem nutrir grandes simpatias pelos hebreus, os flamengos os aturavam mais por interesse,

29. Segundo documentos coplados por José Antonio Gonsalves de Mello na Torre do Tombo.

30. Bloom, em ambos livros mencionados anteriormente, aponta a participação econômica muito limitada dos judeus na WIC, apesar de reconhecer as dificuldades em saber-se com certeza os nomes de todos acionistas israelitas. Não obstante, discorda das generalizações de Sombart, *Die Juden und das Wirtschaftsleben*, Duncker und Humblot, Leipzig, 1911 "escassamente merecedora de consideração séria», no que tange ao exagerado papel judeu na formação do Capitalismo. A posição sombartiana mereceu também severas restrições por parte de Hermann Waetjen em *Das Judentum und die arfaenge der modernen Kolonisation (Kritische Bemerkungen zu Werner Sombarts Die Juden und das Wirtschaftsleben)*, Verlag von W. Kohlhammer, Berlin — Stuttgart-Leipzig, 1914.

que por outra coisa. A recíproca também era verdadeira: os judeus preferiam os holandeses porque a hostilidade destes era mais fácil de ser suportada que a da Inquisição. Sob o aspecto sentimental, os "sefardin", maioria nas duas Congregações do Recife daquele tempo — "Zur Israel" e "Magen Abraham" — tinham mais razões em preferir os ibéricos, com os quais dispunham de grandes afinidades de língua e costumes. Contudo, motivos políticos impediam esta aproximação, não sem certa mágoa dos "sefardin" que ainda hoje guardam na Grécia, Turquia e norte da África e da Europa, muitos dos traços adquiridos na península.

Com a queda do domínio holandês e a fuga da maioria dos judeus em meados do século XVII, em busca de melhores pagos, um hiato dominou a história dos israelitas no Brasil do século XVII. Pombal em 1773 eliminou a distinção entre cristãos novos e cristãos velhos, supérflua, dada a absorção dos primeiros pelos últimos.

Ainda assim a Inquisição não deixou em paz os cristãos novos, antes da decisão pombalina. Tão cedo se retiraram os flamengos, o Santo Officio reiniciou suas perseguições contra os remanescentes que não puderam ou não quiseram fugir em tempo. Varnhagen enumera uma lista colhida na Torre do Tombo, em Lisboa, contendo nomes de denunciados e suplicados. O mais ilustre de todos é o famoso Antônio José da Silva, teatrólogo de destaque na literatura luso-brasileira. Depois de intrincado processo entre 1737 e 1739, terminou martirizado em Portugal. O seu caso foi o mais discutido, explorado pela ficção e por historiadores. Waetjen, por outro lado, afirma que "em 1723 sofreram em Lisboa a morte na fogueira, mais alguns comerciantes judeus, presos no Rio de Janeiro".

Algum tempo passou sem as tropelias anti-semitas, desde que os marranos estavam, pelo menos mais aparentemente que nunca, identificados com os cristãos velhos. Pouquíssimos, ou quase nenhum conhecido, vieram para aqui exercendo ativamente suas práticas religiosas.

No século XIX reiniciou-se a afluência de israelitas ao Brasil, desta vez "ashkenazin" adaptando-se extraordinariamente nos trópicos, apesar de emigram de regiões temperadas como a Alsácia-Lorena, provando a grande plasticidade do povo judeu.

Mestre José Antônio de Mello anotou a presença de judeus nas páginas do *Diário de Pernambuco* do século passado, em situações bem interessantes, do ponto de vista não só histórico quanto sociológico. Segundo um número de 11 de abril de 1871 do secular jornal do Recife, por ocasião da guerra franco-alemã, os israelitas alsacianos e lorenos declaravam-se, "com orgulho", franceses e não alemães, já que a França não tinha cedido seus territórios de origem à Alemanha, "senão à força bruta dos vândalos modernos". Subcreviam as declarações: David Oscar Levy, Samuel Weill, Samuel Meyer,

Nathan Klein, Barneh Meyer, Adolphe Dreyfus, David Hayem, Maurice Lévy, Coschel Kahn e vários outros.

A arenga continuou com irônicas respostas dos alemães, uma das quais, "An die landlosen Kinder Israels in Pernambuco", em 22 do mesmo mês, assinalava a data de 1848 como início da imigração destas "aves de arribação" alsacianas, conforme suas próprias expressões. Também a propósito da guerra franco-prussiana, há outro indício das preferências judias pela França, numa nota do *Diário de Pernambuco* em 2 de setembro de 1870, assinalando uma contribuição da "Société Israelite" na importância de 200 mil réis para os feridos da mencionada guerra, ao lado de outras instituições francesas ou francófilas. 22 de junho de 1867 é igualmente data importante na história dos judeus do Recife no século XIX. Nesta ocasião saía um anúncio no velho *Diário* convocando os judeus para um "Minian" a bordo do vapor francês "Extremadure", vindo do Rio a caminho de Bordéus, e solicitando a presença de um "Hazan" ou cantor apto e interessado em ajudar o ofício religioso.

Atraídos pelo "boom" da borracha em fins do século passado e princípios deste, rumaram os "sefardin" para Manaus e Belém do Pará, na qual fundaram, por esta época, a primeira congregação moderna brasileira, a "Shamaim" ou "Porta do Céu", o mesmo nome de antiga congregação londrina. Outros seguiram para o Recife, Bahia e Rio de Janeiro, contando-se, entre eles, "sefardin" até de Marrocos, Turquia e Arábia, segundo Isaiah Raffalovich, num artigo em *The Universal Jewish Encyclopedia* de New York.

Se os "sefardin" foram mais uma vez os pioneiros no estabelecimento de Congregações organizadas, os "ashkenazin" representam não só o grosso da imigração judia nos últimos tempos, como os primeiros a aportarem ao Brasil, nesta derradeira fase da história, na pessoa de alsacianos e lorenos capazes de adaptarem-se também aos trópicos com extraordinária plasticidade. Ainda hoje "ashkenazin" vindos, em sua maioria, da Europa Central e Oriental fugidos dos "pogroms" e das guerras mundiais, sentem-se em casa nestas bandas da América, aqui deixando numerosa descendência identificada com a região. Organizações sionistas como a "Jewish Colonization Association" e a "Hebrew Immigrant Aid Society" ajudavam o estabelecimento de novas levas no Brasil, enquanto muitos para aqui vinham com o espírito pioneiro de novos Fernando de Noronha. Bom número utilizou Buenos Aires como via de acesso e tanto "sefardin" quanto "ashkenazin" se consideravam não simples hóspedes, mas velhos habitantes dos trópicos, descendentes daqueles seus antepassados acostumados aos calores do Egito e da Palestina.

Foram tentados núcleos agrícolas no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo e Santa Maria, por exemplo, mas os israelitas preferiram as grandes cidades.

Isto não impediu a formação de numerosas colônias judias em municípios do interior do mesmo Estado, tais como: Santa Maria, Uruguaiana, Bajé, Ge-

túlio Vargas e Passo Fundo. Explica-se o fato por eles serem centros comerciais importantes. Os judeus agiam assim, não tanto porque fôssem urbanos de índole, sobretudo por razões econômicas, políticas e sociológicas. Sua condição de minoria cultural, alvo de preconceitos, exigia um raio de ação com mais amplas possibilidades e maior segurança. As cidades poderiam oferecer-lhes isto melhor que o campo. Ali não faltariam as acusações de formarem quilombos, enquanto passariam muito mais despercebidos nas capitais, apesar de, também aí, os preconceitos não faltarem. Além disto, razões sentimentais e religiosas levam o judeu a só cultivar com entusiasmo, quase místico, as terras de Eretz Israel, onde dão ao mundo extraordinário exemplo de engenho e tenacidade nos "kibutzin". No Brasil e nos restantes países para onde imigraram, a tendência, em geral, continuou sendo esta, tradicional nos judeus do "Galuth": fixar-se nos núcleos urbanos.

Pouca gente sabe que André Rebouças, o grande engenheiro e abolicionista do século passado, sonhou em ajudar a construir um Estado judeu na América do Sul, "tampão" entre Argentina e Brasil: Nas próprias palavras do seu *Diário*, em 28 de julho de 1891, resumindo carta a Joaquim Nabuco: "Vamos expiar os crimes de nossos avós portugueses e espanhóis; do Cardeal Ximenes e Torquemada para com os miseros hebreus. O Brasil e a Argentina devem doar toda a zona litigiosa ao Barão Hirsch para colocar nela emigrantes hebreus. Para que a Argentina quer terras?

"— Para dar a emigrantes.

"Para que o Brasil que terras?

"— Para dar a emigrantes.

"Logo, é insensato estar a lutar. Comecemos pelo fim e poupemos as despesas da Paz Armada, e, depois, de imigração. Os milionários hebreus vão fazer esse serviço por nós; ficamos livres de compromissos e despesas. É uma doação de 600 léguas quadradas ou de 26,136 quilômetros quadrados. Povoados, como a Bélgica, a 200 habitantes por quilômetro quadrado, nutrirão 5.227.200 hebreus".

"É esta uma solução de Paz Perpétua; por neutralização absoluta do território litigioso; criando uma Mesopotâmia entre o Paraná e o Uruguai, um novo Éden, superior ao de Moisés. Evitando toda e qualquer tendência belicosa, porque os hebreus não têm Exército, nem Armada, nem cônsules parásitas, nem diplomatas intrigantes... (31)

Rebouças foi, pelo menos, mais generoso que os estadistas europeus que ofereceram Uganda ou Madagascar aos judeus, embora todos aqueles se esquecessem que estes só aceitariam a Palestina, conforme Balfour finalmente entendeu...

31. *Diário e notas autobiográficas*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1938, pp. 373 e 374.

Seria o caso de perguntar, agora: existe Anti-semitismo nas cidades brasileiras?

Na verdade não existe Anti-semitismo no sentido de exaltada hostilidade grupal. O Anti-semitismo brasileiro está em estado latente, larvado, e melhor seria substituímos esta palavra "Anti-semitismo" por preconceito anti-judaico. Isto não representaria um eufemismo, porém uma procura de termos adequados, numa época em que as palavras parecem perder seu valor primitivo. Anti-semitismo, conforme dissemos no início, é um sentimento de grupo, mais que de indivíduos, visando os judeus e procurando pôr-lhes restrições e até exterminá-los. Ora, entre nós, nos tempos modernos, a coisa nunca passou, no máximo, de um Anti-semitismo em intenções, quase sem manifestações exteriores graves. É preciso reconhecer, todavia, que existe "intenso preconceito antijudaico", inclusive entre universitários, conforme constatações de uma pesquisa realizada no Nordeste em 1952 por René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco, em colaboração com a UNESCO, acêrca das "relações raciais nesta região". Por outro lado, assinalaram-se no inquérito preconceitos contra outras espécies de alienígenas, inclusive contra chineses, contra japoneses, contra ingleses, contra russos e sírios, êstes dois últimos grupos confundidos muitas vezes com israelitas. Os franceses e os canadenses, apenas, foram vistos com a melhor das simpatias, enquanto em relação a portugueses, alemães e norte-americanos as opiniões se dividiram. Os ressentimentos assinalados contra os israelitas, no referido inquérito, comentado por René Ribeiro num dos números da revista *Neurobiologia*, originavam-se, quase sempre, dos fatores econômicos e endogâmicos. (32) Pouquíssimos alegaram motivos religiosos. Também não foram invocadas razões raciais, tratando de uma pretensa inferioridade do sangue judeu, o que é ótimo sinal, pois ressalta a ausência do Anti-semitismo racial entre nós, segundo mostramos antes. Anti-semitismo "teológico" ainda remanescente nas camadas sociais mais incultas de hoje. Constatamos também por exemplo, no Juazeiro do Norte, sertão cearense, berço e centro de romarias do famoso Padre Cícero, como prossegue intenso o Anti-semitismo teológico ou religioso, por culpa principal do modo com que é ensinado o Evangelho, demonstrando a urgência da Igreja católica em reformular sua catequese, conforme aliás se compreendeu no Concílio Vaticano II, levando-o a firmes declarações anti-antisemitas. Não foram poucos os marranos ilustres, sábios como Abraham Zacuto — matemático e astrônomo, autor de obras de navegação — e até ministros, como Abraham Senior, que gozaram do respeito e da admiração de portugueses e espanhóis. Outros tantos cristãos novos participaram, ombro a ombro, com os lusos, em aventuras e correrias pelos trópicos e equinócios, deixando a marca de sua passagem em nomes de famílias de origem semita, nos FONSECAS, MENDES DIAS, PINAS, LEÕES e REDONDOS, entre muitos. O português, de sua parte, sempre se entendia muito

32. In *Neurobiologia* (Revista de Neuropsiquiatria e Ciências Sociais), tomo XVI, n.º 4, Recife, dezembro, 1953, pp. 348 e 364.

bem com o cristão nôvo, quando deixava de lado as disputas e rancores teológicos. Ambos compreendiam os nativos melhor que os nórdicos, acostumados a aqui aportarem com o fim de levar e gozar as prebendas da terra, em aventuras comerciais sem o sentido da permanência.

Por conseguinte, o Racismo anti-semita é produto alienígena, estranho à formação, às tradições, à cultura luso-brasileira. Foi exportado para aqui, mercê das injunções políticas internacionais. O Integralismo é um exemplo frisante. Dispondo de aspectos simpáticos — na sua pregação de igualdade de brancos, pretos e índios nas zonas alemãs do sul do Brasil, conforme atesta Gilberto Freyre em artigo publicado no *Estado de São Paulo*, em 3 de abril de 1940 — excedeu-se entretanto em contraditórias imitações do Anti-semitismo nazista, nas obras do Sr. Gustavo Barroso e de outros. Também os mencionados núcelos alemães tentaram arremedos de Arianismo, desprezando lusos, judeus e negros, findando controlados oportunamente pelo governo brasileiro, graças à onda de protesto do povo e de intelectuais. Nacionalismo suicida, êste, olhando para trás, em vez de para frente.

Alguns tradicionalistas católicos — na linha de Mauras, Sardinha, Jackson de Figueiredo, embora êste não fôsse anti-semita — tornaram-se perigosos fronteiros de um Neo-anti-semitismo teológico, o qual, ao lado de outros tantos propósitos miguelistas, êles não conseguiram restaurar. Os amigos e discípulos dêstes tradicionalistas se encontram conspicuamente ausentes num inquérito jornalístico realizado em pleno ano fatídico de 1933, ao qual compareceram Agripino Grieco, Coelho Neto, Gilberto Amado, Afrânio Peixoto, Hermes Lima, Humberto de Campos, Menotti del Picchia e Origenes Lessa, entre outros, todos condenando o Anti-semitismo, então em moda. A atitude de Coelho Neto, por exemplo, investia abertamente contra o Nazismo; Gilberto Amado fazia o elogio da inteligência e sofisticação judias; e Afrânio Peixoto concluía, chamando Israel "o pequenino grande povo", com a mesma entusiástica admiração dos demais. (33)

Entre aquêles tradicionalistas se destacava, por exemplo, Sebastião Paganó, que, na década de 30, atacava os heróis brasileiros de 1817, defendendo seu algoz, o Conde dos Arcos, em obra onde se lê, além de outras coisas: "Hoje, não há mais dúvida acêrca da tremenda luta espiritual entre cristãos e judeus. Não é luta de raças, como pretendem os escritores materialistas, mas de raça aliada ao espírito, e como é o espírito que orienta a raça, a luta, pois, é espiritual e não racial. A raça é talvez uma característica para distinguir os adversários". (34) Temos assim uma nova modalidade de Anti-semitismo: Racismo teológico-racial...

33. Por que ser anti-semita? (Um inquerito entre intellectuaes brasileiros), *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1933, passim.

34. *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817*, Cia. Edit. Nacional, São Paulo, 1938, p. 17.

Quanto aos resultados do Anti-semitismo, qualquer que seja sua forma, vemos como ele é contraproducente, desde os tempos de um documento do século XVI (*Tratado sobre a gente da nação hebraica do reyno de Portugal*), ou antes, pois apesar de perseguições tão violentas, não diminuía "o crescimento em que vay o judaísmo neste reyno"; "os da nação crecem e se multiplicão como as areias do mar"... Contudo, à medida que os judeus de-handavam, levavam consigo capitais e experiências para outros países rivais de Portugal. Um relatório enviado de Roma ao inquisidor geral luso de 1693 a 1709, Frei José de Lencastre, dizia: "Por não admitir os judeus a monarquia está pobre, falta de todo necessário e sem honra e sem fama". Enquanto isto, "pela afluência dos judeus, Liorme em que só havia umas cabanas de pescadores, está hoje o primeiro império da Itália..." (35)

Theodor Herzl, o grande pioneiro do Sionismo, escrevia em seu livro *O Estado Judaico*: "Talvez que pudéssemos ser completamente absorvidos pelos povos em cujo meio vivemos, se nos deixassem em paz somente durante duas gerações. O caso é que não nos deixarão em paz".

Quanto à sua ideologia, Nietzsche previa que o Anti-semitismo almejava alongar-se numa concepção do mundo, numa lei, numa ideologia. Jean-Paul Sartre mostra como a atitude anti-semita estende-se de uma posição apenas contra os judeus e passa a uma tentativa de uma visão do Homem, em geral, da História e da Sociedade. (36) Nietzsche, tão injustamente explorado pelo Racismo nazista, escreveu, com a habitual paixão de suas idéias, em carta a Overbeck: "Quero mandar fuzilar todos anti-semitas". (37) O grande poeta-filósofo de Zaratustra, aliás, por causa destes seus gestos apaixonados, é muitas vezes acusado de propagar opiniões que nunca foram realmente suas. Assim muitos o consideram precursor direto e mesmo ideólogo da Nacional-Socialismo. Ele seria para o Nazismo, o que Marx tinha sido para o Comunismo e Vilfredo Pareto para o Fascismo: um ilustre João Batista a anunciar a vinda do "Desejado". Ora, Nietzsche nunca foi defensor do Totalitarismo; antes pelo contrário, era um anarquista, embora aristocrático, diferente do anarquismo de massa de Bakunin e Kropotkin.

35. Apud J. Lúcio de Azevedo, *ob. cit.*, p. 491.

36. *Reflexions sur la question Juive*, Gallimard, Paris, 1947, pp. 15 e 16.

37. Apud Lonsbach, Maximilian, *Nietzsche los Judios*, Imán, Buenos Aires, 1944, p. 73 e 78.

Acêrca da admiração de Nietzsche pelos israelitas, vide o próprio, facilmente acessível na trad. em castelhano das *Obras Completas*, vol. XIII, Buenos Aires, 1950, p. 339 e vol. X, p. 318.

Que os judeus são «povo», e não «raça», já foi constatado inclusive no Brasil, por Arthur Ramos na *Introdução à Antropologia Brasileira*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1947, p. 290: «A unidade judaica é, antes de tudo, cultural». E o autor apresenta, em favor da sua tese, referências de inúmeras pesquisas antropométricas entre os israelitas.

Podeis concluir as reações psicológicas de um judeu diante do Anti-semitismo. Sartre tentou compreendê-las no seu livro *Reflexions sur la question juive*, mostrando que a insegurança, o medo da perseguição, o terror levam o israelita a um "racionalismo do desespero". Sua vida passa a ser uma fuga diante dos outros e diante de si mesmo, no dizer do referido escritor francês. Daí seu apêgo ao dinheiro, como expressão de uma ânsia de segurança. Shylock — o terrível agiota de Shakespeare que exige o pagamento das dívidas até pelo preço da própria carne dos devedores — é um indivíduo em pânico. Agarra-se ao dinheiro como a uma última tábua de salvação. Portanto, a luta pelo poder econômico, da parte dos judeus — luta tão exagerada em suas conseqüências por seus inimigos — já é, em grande parte, fruto das discriminações raciais.

Tanta miséria e sofrimento só servem para abrir novas cicatrizes na alma judia, derrotá-la temporariamente e, quando menos se espera, eis que ela ressurgue, mais exclusivista e forte que nunca. A inquietude judaica, à força de longos anos de espera e dor no "Galuth", no Exílio, revestiu-se daquela paciência tenaz que Péguy não conseguiu descobrir nos cristãos. Adonai sabe incuti-la em seu povo, desde as atribulações relatadas nos Livros Santos...

Como conseqüência final, vemos que a resistência judia tornou-se logo inacreditável, permitindo sua incrível sobrevivência durante quase dois mil anos de Diáspora e mais de cinco mil de História, atravessando séculos que assistiram outros povos surgirem e desaparecerem ou, pelo menos, perderem seus principais traços culturais, característicos da época. O Anti-semitismo, ao lado evidentemente de outros fatores alguns nem sempre claros, tem contribuído para o milagre da sobrevivência cultural do povo judeu. Povo e não raça, frisamos. Mais de um estudo acêrca dos judeus mostram como êstes são muitas vezes assimilados no tipo físico, na língua ídiche (mistura de alito alemão com eslavo e hebraico), na língua sefardi (mistura de espanhol, português e hebraico), nas comidas e nas danças, permanecendo ainda curiosamente israelitas. Parece ser a Religião o traço comum de tantas épocas e tipos humanos. A endogamia, a Liturgia hebraica, a literatura judia, principalmente em ídiche, refletindo um temperamento e uma evocação que atravessam as eras, são alguns dos pontos mais importantes de contacto entre as várias gerações de Israel, dando-lhes extraordinária unidade.

Em síntese: a consciência nacional brasileira, como em geral a dos países subdesenvolvidos, enfrenta adversários demasiado reais e imediatos, para perder tempo com os imaginários, que angustiam a de áreas desenvolvidas, incapazes de analisar o esgotamento ideológico dos seus nacionalismos e a necessidade de passarem a uma nova etapa universalista, em que se lembrem de fazer justiça ao III Mundo. Daí a urgência do repúdio ao "anti", enquanto tal. Só é legítimo o "anti-anti", para usar o termo de Simone Weil, inclusive o "Anti-anti-semitismo": a intolerância contra a intolerância, qualquer que seja ela.